

II Bienal Internacional da Luz

Luzboa

A Luzboa II Bienal Internacional da Luz, realizada no passado Setembro na Capital, constituiu uma vez mais uma experiência urbana - transversal, pluridisciplinar - que colocou quanto ao Pensamento sobre a cidade questões pertinentes no que diz respeito à relação entre Arte, Intervenção Cultural, Arquitectura e Urbanismo, Património e Espectáculo.



Hetpakt. Fado Morgana nas Escadinhas de São Cristóvão

Hoje, Cidade que se queira competitiva - não apenas no sentido redutor da linguagem económica - mas atracente, dinâmica, viva e atractiva, exige que os seus gestores e programadores - ou não fosse a Cidade sistema programável e ela própria evento de Cultura com um "E" muito grande -, estejam muito atentos às ferramentas disponíveis para se "fazer cidade".

A Luzboa, criada pela Extra]muros[em 2004, e que tem contado com inúmeras instituições para levar a cabo uma inédita intervenção cultural e artística no espaço urbano a partir da Metáfora da Luz - e da iluminação - constituiu portanto, até porque se reafirmou por meio de uma segunda edição muitíssimo visitada e de inquestionável impacto mediático, uma metodologia-de-base para chamar a atenção de profissionais e amadores para o papel da Luz na importante questão da Imagem Urbana.

Para a Câmara Municipal, assim como para a EDP Energias de Portugal, principais entidades que tornaram a iniciativa possível, assim como para as várias empresas de referência no mundo restrito e competitivo da Iluminação Urbana, a Luzboa é concerteza um Evento sempre imperfeito, cujo sucesso se afirmará acima de tudo pela forma como vai perdurando na ideia dos visitantes a noção de que *há Luz na Cidade* e que esta tem aspectos materiais e físicos, mas também imateriais e simbólicos, que nenhum outro *medium* como a Luz tem condições para valorizar.

Ou seja, se um Evento chama a atenção para os tradicionais eléctricos com a mesma dignidade com que ilumina uma fachada nobre, se recorda aos transeuntes o berço do fado e ao mesmo tempo faz pensar sobre a forma como o território é gerido no quotidiano, se o faz recor-



Bruno Peinado. Lune no Largo de São Carlos




Miguel Chevalier. Sur-Natures na fachada dos Armazéns do Chiado



Extra]muros[. Coord. Samuel R. Fernandes. O Chiado a verde [Projecto RGB]

rendo a artistas de imaginação transbordante e que recorrem a meios técnicos de inapelável magia para o cidadão comum, então a Luzboa, factor importante no *marketing da cidade*, tem uma função fundamental na criação de um verdadeiro espírito de urbanidade. Sem esse espírito de curiosidade pelos dados históricos e respeito pela identidade, embora sempre em abertura à irreverência e imprevisibilidade da Arte Urbana, não sabemos se a igualmente necessária política de preservação, conservação e dinamização do Património não se tornaria um fenómeno distante para as massas, um 'luxo' que não compreenderiam porque não lhes tinha sido dado previamente a conhecer a verdadeira essência da cidade – como diz Manuel Graça Dias no filme *Lisboa Capital do Nada* [2002], esse facto de que "uma cidade é um organismo fascinante precisamente porque nunca podemos conhecê-lo na totalidade". Este foi o espírito da Luzboa em 2006: dar a ver, por meio de ferramentas conceptuais, técnicas e artísticas, aspectos da cidade que por vezes nem os especialistas têm

totalmente presente: pode aí entrar a vontade de valorizar um eixo urbano, tornado experiência de reconhecimento [como aconteceu com o forte Projecto RGB, que transfigurou as ruas em ambientes de Vermelho, Verde e Azul]; ou o desejo de dignificar um rosto-paisagem num miradouro único de Alfama; pode surgir a reflexão sobre margens sociais [o projecto dos cidadãos-mendigos de Javier Nuñez Gasco] ou a "simples" habitação de um Largo tradicional, cuja delicada traça em puro "pastiche" retro se viu tornada numa "ilha de mar", avalanche sonora de gravações e música ao vivo inspirada no universo dos Faróis [Adriana Sá]. Estes são alguns dos muitos modos de *fazer cidade* que um evento efémero pode concretizar. Outros podem ser conferidos em www.luzboa.com. Mas como afirma João Augusto da Silva Appleton algures no ciberespaço "a Luzboa, entre nós, é um pequeno exemplo do efeito do que se pode retirar de um plano de iluminação". Em suma, Cultura e Espectáculo, para uma organização como a da Luzboa, é a oportunidade de aumentar o im-

pacto afectivo e sensorial de uma Cidade e do seu Património, num registo de enunciação de valores [a Luz] e tópicos de evolução [a Iluminação Urbana], longe portanto de a) exercícios estéreis de espectacularização do lugar comum; b) arbitrariedades desnecessárias sobre a Imagem Urbana e o Património Edificado de um ESPAÇO PÚBLICO que, por princípio, teria de ser de todos. Utopia? Não, Projecto Urbano. 

NOTA

O Livro-catálogo da Luzboa e um DVD serão colocados à venda durante o Verão.

MÁRIO CAEIRO,
Director da Bienal Internacional da Luz